

A VISUALIDADE DAS AÇÕES MEDIATIVISTAS NAS FANPAGES DE OCUPAÇÕES ESTUDANTIS SECUNDARISTAS

THE VISUALITY OF MEDIATIVISTIC ACTIONS ON THE FANPAGES OF SECONDARY STUDENT OCCUPATIONS

Raquel Silva Barros
UNIRIO/ Brasil
rachelbarros@yahoo.com.br

Adriana Hoffmann Fernandes
UNIRIO/Brasil
profadrihoff@gmail.com

Linha 3: Culturas da imagem e processos de mediação.

Resumo

O presente estudo traz uma investigação sobre o uso de recursos audiovisuais como forma de dar visibilidade para os eventos de Ocupação Estudantil Secundarista ocorridos no Brasil, especificamente, em escolas do Estado do Rio de Janeiro nos anos de 2015 a 2017. O *Facebook*, segundo seus integrantes, tornou-se um veículo oficial de comunicação fortalecendo o movimento através de sua amplitude de divulgação, distribuição e diálogo. Buscamos perceber nas publicações das *fanpages* das escolas o entrelaçamento da produção e divulgação desses materiais pelos sujeitos através do uso de dispositivos móveis conectados à Internet. Que materiais os sujeitos produzem e publicam? O que eles representam para o movimento? De que forma a Cultura Visual está relacionada ao midiativismo? Nesse estudo buscou-se fazer uma breve análise das publicações nas páginas somadas ao diálogo com os sujeitos ocupantes. Mais do que dar visibilidade às ações desempenhadas, a representação identitária dos sujeitos presentes na ocupação foi observada como um aspecto primordial nas conversas com os sujeitos e a partir da observações das visualidades publicadas nas páginas.

Palavras-chave: Ocupação estudantil, visualidades, midiativismo, representações.

Abstract

The present study brings an investigation about audiovisual resources uses as a way of giving visibility to the events of Secondary Student Occupation occurred in Brazil, specifically, in Rio de Janeiro's schools in 2015 to 2017. Facebook, according to the students became an official vehicle of communication, strengthening the movement through its range of dissemination, distribution and dialogue. We tried to understand in the publications in the fanpages of the schools the connections of the production and dissemination of these materials by the subjects through the use of mobile devices connected to the Internet. What materials do the subjects produce and publish? What do they represent for the movement? How is Visual Culture related to mediativism? This study aimed to make a brief analysis of the publications in the pages added to the dialogue with the occupant subjects. More than giving visibility to the actions performed, the identity representation of the subjects present in the occupation was observed as a primordial aspect in the conversations with the students and from the visualities observed that was published in the pages.

Keywords: Student occupation, visualities, mediativism, representations.

Introdução

O presente estudo traz uma investigação sobre o movimento de ocupação Estudantil Secundarista que ocorreu no país no final do ano de 2015 ao início do ano de 2017. A ação pode ser vista em diversos Estados do país tendo seu início no Estado de São Paulo após o anúncio de uma reestruturação no sistema escolar pelo Governo que veio a acarretar no fechamento de diversas escolas alterando a rotina de cerca de trezentos mil alunos.

A ocupação das Escolas Secundaristas no período, ocorreu em dois momentos protagonizados por alunos de escolas Estaduais e Institutos Federais. Motivados por demandas que perpassam desde a melhoria nas condições físicas das escolas a pautas mais extensas como o repúdio a PEC 55, que limita os gastos públicos por duas décadas, o movimento ganhou força aquecendo a energia dos movimentos Estudantis.

Diversas imagens e vídeos foram veiculados durante o período de ocupação em redes sociais. O *Facebook*, segundo seus integrantes, tornou-se um veículo oficial de comunicação fortalecendo o movimento através de sua amplitude de divulgação, distribuição e diálogo. Dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets* conectados à Internet foram utilizados nesse movimento como forma de comunicação, registro, divulgação e interação entre os sujeitos que estavam presentes na ocupação e os que acompanhavam as ações ali realizadas.

A visualidade ganha destaque nesse cenário já que as narrativas são tecidas através de imagens costuradas e virtualizadas através da rede. Nesse sentido, buscamos neste estudo, perceber como a relação da produção e divulgação através do *Facebook* de material visual/audiovisual por sujeitos ocupantes de Escolas Secundaristas se entrelaça com o ativismo praticado através das ações de ocupação. Que materiais os jovens produzem e publicam nas páginas criadas no *Facebook*? O que esse material representa para o movimento? De que forma a cultura de imagens está relacionada ao midiativismo nessa relação?

Como aponta Ribeiro *et al*, é através do diálogo que se tem a possibilidade de, antes, pensar sobre a conversa, “escutá-las, pensar a partir delas, com toda a incomensurabilidade, inventividade e contingência que a pesquisa pode revelar”

(2018, p. 169). Nessa pesquisa dialogamos com as páginas das escolas, através de conversas online e através de encontros com os alunos das escolas em conversas presenciais.

Por esse motivo, a composição deste estudo se faz presente em um escopo maior onde três escolas foram acompanhadas no Estado do Rio de Janeiro. Para o contexto desta escrita, fizemos um recorte apontando as costuras tecidas e pensadas a partir de conversa realizada presencialmente com sujeitos de uma escola localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro e suas publicações na página do *Facebook*.

Interações em rede e a midiatização nos movimentos de ocupação

A ampla e crescente utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação abre espaço para transformações na vida das pessoas. O diálogo entre os indivíduos se veem perpassados por canais onde a comunicação se dá de forma instantânea e com cada vez mais qualidade. Trata-se do fenômeno da midiatização. Ao pensar o discurso que se estabelece através das redes percebe-se que esse processo de transformação se acentua de forma acelerada. Sem nos ater a necessidade de caminhar junto aos passos das inovações, o que não é possível, mas de “pensar constantemente novas práticas para as abordagens e análises contemporâneas” (BRAIGH & CAMARA, 2018, p. 15) no campo das Ciências Humanas, buscamos pensar nesse decurso.

A Comunicação é um movimento inerente às sociedades possibilitando evoluções e transformações em suas maneiras de ser e estar no mundo. As tecnologias acompanham esse processo de complexificação da sociedade sendo moldadas e estruturadas a partir das necessidades que vem a surgir. Os discursos de militância acompanham essas novas formas de abordagem de comunicação e ganham novas dimensões e cenários. As estruturas de poder se veem ameaçadas pelas mobilizações que são articuladas através das redes por diferentes usuários. Os discursos são interpelados pelas diferentes demandas que surgem no contexto social, político e econômico contemporâneos. Nesse sentido, debates em torno de temas como justiça, direitos, legalidades, identidade e representações atravessam os discursos ao redor do mundo.

Nesse contexto, o termo midiativismo é interpelado como discussão mais específica em que o ativismo estaria caracterizado pelo “conjunto de investidas com propósito de alteração da realidade social estabelecida. Estas são empreendidas por sujeitos que, juntos, compartilhando sentimentos acerca de uma determinada conjuntura pública, evidenciam esforços num sentido comum” (JORDAN, 2002, apud Braighi & Câmara, 2018, p. 33).

O ativismo ganha maior visibilidade e potencialidade através do uso das Internet. As redes sociais digitais possibilitam aos indivíduos interagir através de diferentes subterfúgios. As notícias que não podemos acessar através do modelo de comunicação unilateral como a TV e o rádio, no momento em que desejamos, assim como o centro de emissão das informações veiculadas, podem ser visualizadas através de plataformas digitais disponibilizadas por diferentes atores. O acesso não se restringe a visualizar, se amplifica com as diversas outras possibilidades de comunicação, interação, reformulação, criação e transformação que as plataformas digitais oferecem.

Quando pensamos nos movimentos de ocupação estudantil ocorridos no Brasil recentemente e outros movimentos ocorridos pelo mundo, pensamos em um uso de mídias como *smartphones* e *tablets* como artefatos que foram utilizados em tais ações. O termo midiativismo (ativismo + mídia), nos conduz a um pensamento de ações que se viabilizam tendo como premissa a utilização de tais artefatos em seu contexto, sendo portanto, movimentos recentes que se dispuseram dessas tecnologias.

O conceito de mídia e midiatização trafega em diferentes estudos sobre as transformações que o uso de diferentes artefatos vem delineando nas sociedades contemporâneas. O termo mídia no entanto, é empregado de maneira duplicada em sua acepção. Uma delas diz respeito ao termo mídia como apenas um artefato ou meio e, outra, atribuindo o plural ao seu sentido. Nesse último, a mídia seria encarada como um conjunto de artefatos onde estaria estabelecida uma convergência deles.

Recorrendo ao estudo de Gomes sobre a conceitualização do termo midiatização e mídia para entendimento desta perspectiva, percebemos que “*medium*” é a palavra em latim de origem significando “meio”. Já o termo “mídia” se

trata da pronúncia equivalente a “media”, em inglês e, que todavia se propagou como sinônimo de cada meio em sua unidade. Aprofundando seu estudo, Gomes vai nos dizer que o termo estaria associado em sua estrutura originária ao campo da Física, e neste caso, estaria sendo relacionado à ambiência. Nesse contexto, a ambiência estaria relacionada ao conceito de mediação.

Os artefatos ou os meios de comunicação seriam os *medium* e se relacionam com os media. O *medium*, nesse cenário, seria equivalente a cada aparato individualmente como a televisão, o computador, o rádio e já os *media* seria o conjunto destes artefatos interligados como alguns autores vem a chamar de convergência midiática (CASTILHO, 2007; JENKIS, 2009) ou multimídia (LEVY, 1993; CHAVES, 2005). Gomes salienta que

a realidade mostra-nos que foi assumido, nos diversos contextos, o termo mídia para significar a totalidade dos meios. Por consequência, esse termo deu origem ao conceito de mediação. Nesse sentido, considerando que Marcondes Filho o vincula ao contexto da física, talvez se possa, em lugar de renegar, assumir o termo mídia numa perspectiva diferente. Com ela, avançaríamos para o conceito de mediação para além da consideração dos meros dispositivos tecnológicos de comunicação. Mesmo que alguns pesquisadores, tendo em vista essa discussão, preferem trabalhar com o termo mediação e outros, ainda, utilizem-se indistintamente dos dois termos, considerando que significam a mesma coisa. (2016, p. 4)

A confluência de mídias complexifica os processos culturais e sociais. Para compreendermos esse enredamento, McLuhan (apud Gomes, 2016) nos faz pensar na teia de mudanças após o advento da energia elétrica e incorporação na vida dos indivíduos. As transformações que se seguem em virtude desse fenômeno interferem radicalmente nas formas de interação das sociedades atuais.

Assim como refletimos nas hibridizações acometidas pela utilização da energia elétrica e que McLuhan nos desafia a imaginar, ele também nos incita a pensar sobre essa convergência em termos de possibilidades comunicacionais através de seus meios.

Os meios, como extensões de nossos sentidos, estabelecem novos índices relacionais, não apenas entre os nossos sentidos particulares, como também entre si, na medida em que se inter-relacionam. O rádio alterou a forma das histórias noticiosas, bem como a imagem fílmica, com o advento do sonoro. A televisão provocou mudanças drásticas na programação do rádio e na forma das radionovelas. (MCLUHAN, 1996, p. 72 apud GOMES, 2016)

Mergulhando em uma reflexão mais profunda, McLuhan afirma que as influências são tão intensas que os sentidos se inter cruzam quando falamos da tessitura que envolve o uso das mídias. Gomes nos provoca a pensar, indo além de McLuhan em relação ao seu tempo, sobre as transformações que o digital vem trazendo contemporaneamente, como uma mudança equivalente a transformação após o advento da energia elétrica em termos de potencialidades nos diversos campos de conhecimento humano.

A ampliação dos nossos sentidos, no que tange a este cruzamento de perspectivas, faz parte deste processo de hibridização de utilização das mídias como defende o autor. Tangenciando para a comunicação humana, o uso das mídias provoca refletirmos em uma ampliação de um processo que é natural em nós. A partir da comunicação que estabelecemos uns aos outros, refletimos sobre situações, trocamos informações, indagamos, buscamos soluções em conjunto.

Histórias se interligam por meio de linguagens, imagens, vídeos, charges, gestos e diversas outras formas de comunicação possíveis. Nessa direção, “o resultado é o compartilhamento de vivências entre as pessoas de todas as gerações. O processo comunicacional possibilita os avanços progressivos da sociedade, sempre em níveis cada vez mais complexos” (GOMES, 2016, p. 14).

A cultura visual e o midiativismo

Nesse processo de interação entre os jovens nos movimentos de midiatisação percebemos um uso de imagens que cresce vertiginosamente. Esse crescimento faz parte do contexto da cultura visual nos tempos atuais. O processo de criação, recriação e publicação de imagens e vídeos nos mostra que estamos vivendo numa contemporaneidade atravessada por uma Cultura Visual.

A Cultura visual envolve as coisas que vemos, o modelo mental que todos temos de como para ver e o que podemos fazer como resultado. É por isso que chamamos isso cultura visual: uma cultura do visual. Uma cultura visual não é simplesmente a quantidade total do que foi feito para ser visto, como pinturas ou filmes. Uma cultura visual é a relação entre o que é visível e os nomes que damos ao que é visto. Envolve também o que é invisível ou mantido fora de vista. (...) montamos uma visão de mundo consistente com o que sabemos e já experimentamos. (MIRZOEFF, 2015, p. 11)

Tão presente em nossas vidas, as imagens estão ao nosso redor. Ao olhar para a tela do notebook vemos links, desenhos e símbolos, a capa de um livro em cima da mesa, o rótulo de uma embalagem, o design de um produto. Tudo isso abarca um leque de visualidades latentes em nossas vidas. Cada uma delas vai impelir significações diferentes a partir do olhar daquele que a observa e fala sobre ela.

As nossas interações na rede estão cercadas de recursos visuais e audiovisuais. Ao responder um amigo através do aplicativo *WhatsApp*, por exemplo, utilizamos *emoticons*, *gifs* animados, fotografamos o ambiente que estamos presente. Enviamos, ressignificamos, recriamos as imagens que trocamos com nossos pares. Seria difícil imaginar que esse processo de comunicação pudesse existir sem as imagens em nosso dia a dia.

A nova ambiência propiciada pela tecnologia digital torna essas relações ainda mais complexas potencializando vínculos através da aceleração e desempenho eficaz nas interações comunicativas. Essa relação propicia que sociedades se organizem e se estruturem buscando uma “nova forma de ser e estar no mundo” (GOMES, 2016), distinguindo-se, ampliando-se e/ou modificando-se através de “uma carga semântica que as coloca numa dimensão radicalmente nova, qualitativamente distinta em relação ao modo de ser na sociedade até então” (Ibid, p. 18).

Dessa forma, o processo de circulação de imagens complexifica as interações humanas através da potencialidade da rede. Essa forma de interação pode ser vista nos movimentos de ocupação estudantil que observamos em nossa pesquisa. Uma ocupação que esteve presente fisicamente e virtualmente, um híbrido, um processo de interação que se faz por pessoas.

Percebe-se pelas postagens e usos feitos pelos jovens como as imagens empreenderam um papel importante no movimento. As ações ali registradas e publicadas na rede ganharam diferentes sentidos através de sua circulação online. As ações realizadas nas redes sociais foram fundamentais no processo de ocupação das escolas. Em praticamente todas, fotos e vídeos eram postados e compartilhados. Esse movimento como diversos outros que ocorreram em todo o mundo demonstrou o estabelecimento de uma

conexão entre mídia social da Internet, as redes sociais das pessoas e a mídia tradicional que tornou-se possível pela existência de um território ocupado que ancorava o novo espaço público na interação dinâmica entre ciberespaço e espaço urbano (CASTELLS, 2013, p. 56).

Ancorando-se através da Internet para estabelecer comunicação, os jovens não apenas comunicavam-se entre si mas expunham imagens, elaboravam denúncias, realizavam assembleias para debates em coletivos, tomada de decisões em relação aos próximos passos sobre aquele espaço onde eles estavam ocupando. Nas palavras de Sibilia, esses jovens estariam lutando para adquirir

novas armas; ou seja, estratégias capazes de opor resistência aos cada vez mais ardilosos dispositivos de poder, criando interferências ou “vacúolos de não-comunicação, interruptores”, na tentativa de abrir o caminho do possível para desenvolver formas inovadoras – e mais libertárias - de ser e estar no mundo (2016, p. 17).

Em consonância com um grupo, as ações deles revelam ainda uma expressão por “desejos de partilha, de expressão e de participação, oferecendo uma imagem menos redutora do indivíduo contemporâneo comparado ao consumidor fanático” (Ibid., p. 79). Nesse contexto de mediação surge uma nova forma de ativismo: o ativismo em rede. Os movimentos sociais que se utilizam de diferentes mídias conectadas à Internet propiciam que novas configurações sejam introduzidas em seu ativismo.

Braighi e Câmara salientam que o midiativismo tem sua base conceitual atravessado por um processo que “está em constante (re)construção, frente sobretudo às mutações das tecnologias” (2018, p. 25).

Sodré corrobora afirmando que, “a expressão é velha e nova: velha porque há décadas atrás se falava de guerrilha-*television* para opor mídia alternativa ao monopólio das ondas hertzianas; novas porque agora não se trata mais de ver tevê, mas de toda a parafernália de que se reveste a comunicação eletrônica” (2018, p. 21). Nesse sentido, pensarmos o midiativismo como um acontecimento recente, marcado pelo uso de tecnologias digitais em rede, extenua a história que o termo abarca em seu entendimento mais amplo. Não se trata de um termo que se refere às práticas da atual sociedade onde utilizam-se as plataformas digitais como artefato, mas um termo antigo que se relaciona a outras mídias.

As visualidades das ações midiativistas nas ocupações Estudantis

Trazemos aqui um pouco do contexto das visualidades nas ocupações estudantis secundaristas, o fenômeno “sem maiores limitações de idade biológica, parece, entretanto, pender para as novas gerações, essas que sabem combinar o poder mobilizador das redes com a força presencial das ruas” (SODRÉ, 2018, p. 21). As mídias digitais nos ativismos que temos presenciado recentemente, integram esses movimentos.

O diálogo tecido com os sujeitos de um Colégio Estadual, localizado na zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, evidencia esse uso de mídias como forma de articulação do movimento. Em suas publicações na página, os alunos buscavam manter o público informado sobre as ações que vinham se desenvolvendo na escola como eles apontam:

Pesquisador(a) - *Vocês colocavam na página o que acontecia no dia a dia?*

B - *Sim, sim sim.*

Pesquisador(a) - *Alimentação, essas coisas...*

D - *Eu acho que quando a gente faz uma seleção a gente tem que ver coisa bonita né?*

A - *Tem gente que quer mostrar só um lado.*

D - *E a gente estava querendo mostrar o que estava acontecendo mesmo.*

Pesquisador(a) - *Não tinha essa preocupação de estética?*

C - *E chega um momento que a página funciona realmente em tempo real. Tudo o que acontecia, até por conta do desocupa, com medo de se eles fizerem alguma coisa Outro dia um professor veio aqui para dar aula e eles começaram a bater na porta a tacar pedra... E o professor se sentir acuado e a gente ter que defender ele e qualquer coisa assim, entendeu? E a gente já ficava preparado para qualquer coisa. Já ficava com a câmera preparada. Já ficava com a Internet também*

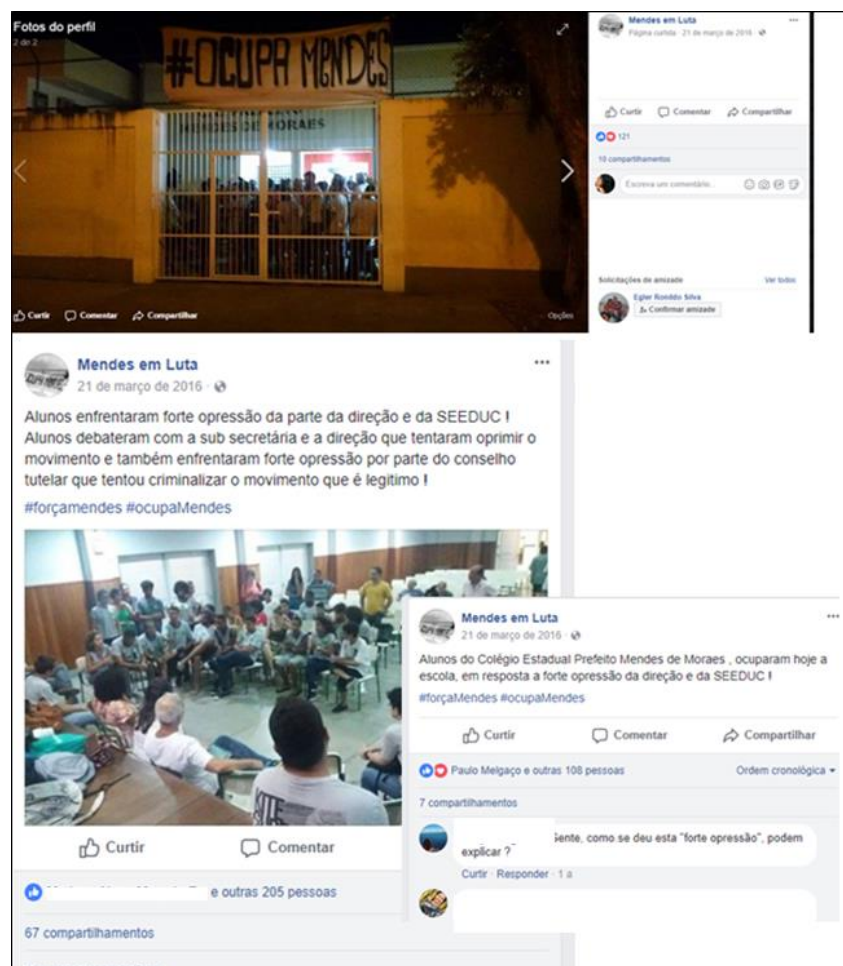
A visão da ocupação a partir daqueles que estão ali inseridos se torna um fator decisivo para a abertura deste canal de comunicação. Através da página, eles tecem suas narrativas, expondo os acontecimentos no interior da ocupação. A mídia televisiva fazia a cobertura das ações e divulgava informações que eles diziam nem sempre condizer com o que de fato acontecia no interior daquele espaço. Desta forma, as páginas serviam como um veículo por onde eles poderiam se expressar sem a interferência de outros meios.

Em suas publicações, pode-se perceber o empenho em manter a ocupação de sua escola bem como o incentivo para que outras ocupações acontecessem.

Com 15.192 pessoas curtindo a página, a *fanpage* desta escola era a que detinha mais visualizações entre outras pesquisadas. Sendo o primeiro colégio a ser ocupado, os sujeitos buscavam apoiar estudantes de outras escolas a ocuparem os espaços.

A imagem abaixo, publicada em 21 de março de 2016, mostra alunos ocupando a escola. Este foi o dia do início da ocupação do prédio. Ao lado a imagem mostra ainda a confirmação da ocupação do prédio bem como uma reunião que foi realizada no mesmo dia com parte da direção da escola, Secretaria Estadual de Educação e Conselho Tutelar.

Figura 1- Momento em que a escola foi ocupada



Fonte: <<https://www.facebook.com/OcupaMendes/>> Acesso em 13 mar 2019

A todo o momento, através das publicações na página e em conversa com os sujeitos, percebemos o cuidado em manter o diálogo aberto com a direção da escola e a Secretaria Estadual de Educação. As publicações nas páginas, segundo eles, ajudam nesse processo de busca por diálogo sobre as demandas solicitadas

nas reivindicações. Este torna-se um canal onde eles podem abrir-se para a conversa, tanto entre os ocupantes e ao público em geral quanto junto aos órgãos aos quais estavam sendo feitas as reivindicações.

O Grêmio Estudantil que nos recebeu na escola ainda não estava formado no início da ocupação. Este só veio a se consolidar após o movimento de ocupação colocar em pauta essa demanda. Assim o diálogo com esses alunos ex-ocupantes e Gremistas, no momento da conversa, parece estabelecer um ponte sobre a carga de atuação desses jovens em relação à escola onde estudam. A necessidade de um organização que permitisse um diálogo mais *institucionalizado* como eles mesmo dizem, abarca uma necessidade de serem ouvidos, falarem para um público mais amplo sobre suas demandas e aspirações.

A participação dos jovens nesse cenário de ocupação não se dá em um terreno confortável onde as possibilidades de comunicação se travava em um campo favorável de discussão no âmbito escolar. A tomada do espaço pelos estudantes naquele período representava, em si, não apenas uma ocupação física como forma de requerer melhorias na qualidade do ensino oferecido ou questões estruturais, mas antes de tudo, uma necessidade de se manter um diálogo como um fator de conquista e que se perdurasse para depois do movimento de ocupação. A imagem abaixo demonstra essa relação de fragilidade desse diálogo.

Figura 2 - Justificativa para ocupação da escola



Fonte: <<https://www.facebook.com/OcupaMendes/>> Acesso em 13 mar. 2019

O movimento de ocupação traz em seu bojo uma tomada do espaço físico com um ativismo que eles estabelecem que não procura se manter apenas durante o processo de ocupação. Ele começa antes e se mantém depois. Em relação às imagens os alunos revelam sua importância para o processo de ocupação, como mencionam:

Pesquisador(a) - Qual era a importância das imagens para vocês?
Imagem e vídeo.

B - É o que a gente estava conversando aqui, porque circulava muita coisa.

A - E o que era real também né... Tem muita notícia falsa.

C - A própria palavra para a pessoa não adiantava. Se a gente falasse assim... ah, jogaram bomba hoje aqui... como eu vou provar? Diversas vezes a gente gravou e provou para as pessoas que caíram bombas lá.

B - Jogaram bomba, jogaram garrafa de vidro

D - As pessoas achavam que a gente estava fazendo festa. Usava a piscina.

Mais do que realizar um registro. Compartilhar as ações, publicá-las na rede. Utilizavam esse canal como uma forma de mídia alternativa. Os jovens estudantes dessa escola sofreram muita pressão em relação ao movimento desocupa. A escola era constantemente invadida. Um estado de medo e confronto pairava no ar. Não era uma situação confortável e esses canais funcionavam para que eles

pudessem pedir ajuda e revelar o que de fato acontecia naquele espaço. Em relação à seleção das imagens eles dizem:

Pesquisador(a) - *As imagens que vocês publicavam, que vocês faziam. Qual era a seleção? Ah essa vai esse não vai...Esse vídeo tá legal, essa não está.*

A - *A gente deixava muito isso com a comunicação, né?*

C - *Eu acredito que a comunicação nem pensava assim. Era mais o momento, por exemplo...*

A - *Era muito dinâmico...*

C - *Era tipo... As principais curtidas da página era sempre que o desocupa vinham aqui. A galera gravava e não importava a qualidade, as vezes nem via o vídeo. Só gravava e se confirmava que estava gravando já postava e postava na página. Tipo, não tinha a necessidade de ver.*

Como eles relatam, as imagens e vídeos publicados tinham um teor mais de denúncia, não importando sobremaneira na escola e filtragem nas publicações. Decerto, com a possibilidade de captura de inúmeras fotos possibilitada pelos aparatos tecnológicos modernos, acaba que uma determinada seleção tenha que ser feita mas esse não era o foco do movimento como apontam. A motivação maior era a informação.

B - *Mas a página, ela na verdade, porque assim, a maioria dos vídeos eram fotos das atividades e dos ataques. Porque a página era utilizada também como comunicação, por exemplo, ah, fala de doação de alimentos para tal escola... falar sobre a atividade que vai ter em tal dia. Tinha menos fotos e mais informação.*

O registro das informações era feito através de smartphones e computadores pessoais com o aporte da Internet disponibilizada pela escola, como revelam:

Pesquisador(a) - *E como era essa questão da Internet? Todo mundo tinha celular?*

C - *Não.*

B - *Na verdade, por exemplo, aqui a gente tinha a Internet liberada. O pessoal da Informática conseguiu liberar a Internet.*

Pesquisador(a) - *Na época da ocupação? Vocês ficaram com Internet?*

B - *Sim.*

Pesquisador(a) - *Mas vocês tinham celular, como é que era? Computador?*

C - *Eu não tinha.*

B - *Algumas pessoas traziam notebook, computador.*

Pesquisador(a) - *Celular?*

B - *Muitos celulares.*

Pesquisador(a) - *Mas celular assim com memória boa?*

B - *A galera da comunicação. Era celular de...*

A - *Usavam o celular do Michel, né..*

C - *Era um Iphone, então era muito mais fácil.*

Pesquisador(a) - *Então ele acabava fazendo parte da comissão de comunicação?*

A - *Ele era da comissão.*

Pesquisador(a) - *Ele tinha um telefone maneiro e tal...*

A - É...Ele gostava dessa parte.

B- É... ele gostava. Ele fazia vídeos. Você tinha falado sobre a estética da página do Ocupa Mendes... Tem um canal no Youtube. Era os vídeos que o amigo editava.

Os jovens relatam que nem todos possuíam *smartphones*. O artefato ainda não é uma realidade onde todos podem possuí-lo. Quando os tem, muitas vezes contam com uma baixa memória ou qualidade de câmera inferior. Nesse relato acima, eles dizem que um jovem da ocupação na época possuía um *Iphone* com uma boa memória e funções disponíveis melhores que possibilitavam a realização das imagens. Nesse sentido, ele acabava por fazer parte da comissão de comunicação. As publicações na página mostram que as imagens parecem apontar uma busca por representação nas ações realizadas pelos jovens ao expor situações ou realizar denúncias, mas também exprimir o quem eles eram e no que acreditavam, em como estavam se recriando dentro do movimento que faziam.

Considerações em construção

Através das imagens, as ações dos jovens podem ser vistas em qualquer lugar já que as barreiras geográficas e os muros que rodeiam as escolas deixam de se tornar um obstáculo para o campo de visão. De fato, o olhar daquele que vê revela a imagem, traduz um foco onde a escolha do que deve ser visto/mostrado se impele. Essa possibilidade confere àquele que acompanha as páginas das ocupações estudantis uma visibilidade que não existiria sem a potência oferecida pelo contexto das atividades ciberculturais.

São processos inacabados. Não é uma exposição do ser, porém uma busca pelo que se tem sido e virá a ser. O coletivo perpassa pelo individual e o individual pelo coletivo. Diante do diálogo alinhavado no decorrer desse texto, algumas questões surgem como forma de costurar novas tessituras. Como os jovens buscam representar-se através das ações desempenhadas no contexto cibercultural diante do processo de ocupação? Quais as diversas visualidades tecidas e o que elas buscam representar? Como o midiativismo ajuda nesse processo de construção da imagem deles? Essas e outras perguntas nos animam a seguir adiante vivendo esse processo de pesquisa em que perguntar faz parte do caminhar.

Referências

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Túlio. O que é Midiativismo? Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 25-42.

CASTELLS, M. Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da Internet. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTILHO, Carlos. Aula do dia 25/4 Convergência Multimídia. 2007. Disponível em :<<http://jol-assesc.blogspot.com/2007/04/aula-do-dia-254-convergencia-multimidia.html>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

CHAVES, E. A definição de multimídia. Disponível em: <<https://www.stefanelli.eng.br/multimidia/>>. Acesso em: 16 maio 2019.

Gomes, P. G. Mídiação, um conceito, múltiplas vozes. In: Revista Famecos. Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2016.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência. São Paulo: Editora 34. 1993.

MIRZOEFF, Nicholas. Que es la cultura visual? In: MIRZOEFF, Nicholas. Uma introducion a la cultura visual. Barcelona: Paidós, 2015.

SIBILIA, Paula. O show do Eu. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SODRE, M. Midiativismo: uma espécie de filho histórico de John Dewey. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 21-33.

Currículo

Raquel Silva Barros

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO/BRASIL). Possui graduação em Letras Português/ Inglês pela Universidade Castelo Branco, Especialização em Educação com Aplicação da Informática pela UERJ, Mestrado em Educação pela FEBF. Atua como docente de Língua Inglesa e Portuguesa nos Municípios do Rio de Janeiro e Mesquita.

Adriana Hoffmann Fernandes

Bolsista Jovem cientista FAPERJ, Brasil. Pós-doutorado em Comunicação pela UFF (2018), Doutorado pela UERJ (2009), Mestrado e Pedagogia pela PUC-Rio (2003 e 1993). Professora no PPGEDU e Escola de Educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Líder do grupo de pesquisa CACE (Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação), integrante da REDARTH.